

## **PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A INCLUSÃO DE COLEGAS/ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL EM PERNAMBUCO**

Lucas Fernando Nogueira da Silva<sup>1</sup>

Rosângela Cely Branco Lindoso<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A presente pesquisa objetivou detectar e analisar as percepções de estudantes do Ensino Médio sobre a inclusão de colegas/alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, em uma escola pública do estado de Pernambuco. A motivação para a pesquisa parte de uma inquietação pessoal por vivenciar os trejeitos de uma inclusão que habita muito na seara do discurso e pouco nas ações, e, também, do entendimento que a aula de Educação Física é um espaço relacional, de socialização e de construção da cidadania. Sendo assim, a pesquisa instigará Professores a repensarem suas práticas inclusivas nas salas de aulas. Foi utilizado uma abordagem de pesquisa de caráter qualitativo, e contou com a participação de 142 estudantes, incluindo 1 aluno com deficiência e 4 que preferiram não responder se tinham deficiência ou não. Foi realizada a coleta de dados por meio de questionário, com perguntas fechadas e abertas, aplicado via Google Forms. Sendo assim, conduzimos uma análise com base na análise de conteúdo e organizada em categorias. Os dados indicaram que, embora a maioria dos alunos considere importante a inclusão e afirme que colegas com deficiência participam das aulas, ainda são percebidas dificuldades relacionadas à adaptação das atividades e a forma como tal aluno com deficiência se sente acolhido e incluído a participar das aulas. Alunos com deficiência também relataram sentimentos de exclusão em determinados momentos. Esses achados evidenciam que a inclusão ainda se encontra em processo e exige práticas pedagógicas intencionais, sensíveis às singularidades dos sujeitos. A formação docente continuada, aliada a estratégias pedagógicas adaptativas e ao fomento de uma cultura escolar inclusiva, mostra-se essencial para promover a equidade nas aulas de Educação Física. A pesquisa pode contribuir para o debate sobre políticas inclusivas na escola pública e para o fortalecimento de práticas mais justas no ensino de Educação Física.

Palavras-chave: Inclusão Escolar, Educação Física, Deficiência, Percepções Estudantis, Análise de Conteúdo.

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF) da Universidade Estadual Paulista, Polo Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, [lucas.defernando@gmail.com](mailto:lucas.defernando@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal Rural de Pernambuco – PE, [rosangela.lindoso@ufrpe.br](mailto:rosangela.lindoso@ufrpe.br).



## INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema muito discutido na seara das ideias. Leis, Decretos, Convenções, Estudos, Promulgações, dentre outros dispositivos que estão ali com objetivos de fazer justiça para uma parcela da sociedade que foi invisibilizada socialmente durante séculos, sobretudo excluídas da vida em comunidade Sasaki (2010). Sendo assim, todas as discussões, sejam elas exitosas ou não, se encontram e tomam forma no seio escolar, pois, a diversidade presente na sociedade mostra sua face no dia a dia em sala de aula.

Essa diversidade quando se revela, ela põe em xeque os paradigmas conservadores presentes também na nossa vida em sociedade e trazido para dentro do âmbito escolar por meios culturais e institucionais sem que seja perceptível. Mantoan (2003) nos estimula a pensar nessa diversidade com respeito e acolhimento no processo pedagógico, pois, temos o direito de aprender, independente das condições corporais.

Munido de certas inquietações por enxergar um afastamento entre o discurso legalista da inclusão e a práxis pedagógica, muitas das vezes tão significativos, justos e bonitos no texto, enquanto na prática há um abismo enorme entre o que se diz e o que se faz. Esta pesquisa é uma reflexão crítica, para a partir do olhar do alunado, diminuirmos as barreiras que ainda insistem em não normalizar esses corpos ainda muitas vezes excluídos no processo ensino-aprendizagem.

Ainda na graduação, por motivações pessoais, busquei entender como poderia melhorar a minha prática pedagógica quando saísse do curso de formação de Professores e fosse a labuta diária, para prática especificamente. Sendo assim, busquei estudar quais as barreiras impediam a prática da Educação Física Escolar, por parte de estudantes com deficiência, na ótica dos Professores<sup>3</sup>.

Em tal trabalho, buscamos enxergar quais são as dificuldades enfrentadas por estudantes com deficiência incluídos na classe regular de Escolas da rede Estadual de Pernambuco, para a prática da Educação Física no ponto de vista de Professores. Encontramos

---

<sup>3</sup> Trabalho de Conclusão de Curso intitulado por: Barreiras para a prática de Educação Física por parte de estudantes com deficiência na classe regular: Um estudo de grupos focais com Professores.





respostas como: Barreiras atitudinais, arquitetônicas e dentre outras que devem ser transpostas pelos estudantes com deficiência para conseguir participar das aulas de Educação Física Escolar, naquele contexto.

Hoje, após seis anos de prática docente, tentando ressignificar a prática pedagógica e aprimorá-las para conseguir cada vez mais incluir esses corpos diversos presentes nas salas de aulas das escolas, buscamos compreender a partir de uma outra perspectiva de visão: a dos alunos, que são a maioria no chão da escola. Então, entender como eles enxergam, avaliam, mensuram e se propõe a despeito da inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física Escolar, é um achado valioso para conhecimento e reconhecimento de como estão as aulas, discussão e reflexão de como podemos aprimorá-las e proposição de alternativas para cada vez mais incluir não só na fala, mas nas atitudes.

Este estudo contou com a participação de 142 alunos, alguns inclusive com deficiência, que responderam sobre a sua percepção sobre a inclusão nas aulas de educação física. Nesse sentido, Gil (2010) aponta que ouvir os alunos, inclusive os com deficiência, sobre suas experiências (sejam elas exitosas ou não) na escola, é essencial para entendermos e compreendermos o que de fato significa inclusão para eles. Tal percepção pode ser imperceptível por Professores e Gestores escolares, mas, percebido pelos alunos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Na busca de contribuir com a discussão nacional sobre inclusão e formação de professores, é imperioso entendermos alguns conceitos como o de: Inclusão, Inclusão Escolar e Diversidade corporal. Então, seguindo esta linha de raciocínio, entendemos e conceituamos que inclusão seria o ato humano, cultural e contra hegemônico de criar mecanismos e trazer para participação da vida em sociedade pessoas cujos corpos são invisibilizados e ignorados cotidianamente.

Para além da inclusão como conceito, tal prática humana, cultural e contra hegemônica não pode estar restrita apenas a nossa vida habitual, deve estar nas relações humanas e nas relações para com as instituições, já partindo para o contexto escolar corroboram com o pensamento de que:





A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas (ROPOLI et al., 2010, p. 9).

Nesse sentido, discutindo a inclusão escolar, Sassaki (2010) considera-a como um processo de mudança de sistemas já existente de modo que esse processo tenha como objetivo o respeito e a valorização das diferenças. Para além disso, somente o respeito e a valorização das diferenças, são um primeiro passo, mas, não suficientes para transformar a escola em um lugar mais inclusivo.

A respeito da inclusão escolar vamos ver que Mantoan (2006) fala que é uma proposta de transformação da escola que visa atender a diversidade, que conforme elucidado por Gil (2010), não se restringe apenas às diferenças visíveis, mas engloba toda a complexidade de características, vivências e perspectivas que configuram a individualidade de cada pessoa. Essa compreensão ampliada é crucial para a edificação de espaços e práticas verdadeiramente inclusivos de alunos, mas, também, é movimento político, pedagógico e social com objetivo de romper práticas excludentes que estão enraizadas no sistema educacional. Então, podemos pensar como seriam as escolas inclusivas:

O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais. O direito à diferença nas escolas desconstrói, portanto, o sistema atual de significação escolar excludente, normativo, elitista, com suas medidas e seus mecanismos de produção da identidade e das diferenças. (MANTOAN, 2003, p. 20).

Portanto, para além de esperarmos uma escola realmente inclusiva, que valorize e respeite a diversidade, podemos questionar, quais são as atitudes que devemos ter enquanto Professores que podem corroborar para alcançar uma maior inclusão de alunos com deficiência? Especificamente nas aulas de Educação Física, como estão sendo desenvolvidos os processos de ensino-aprendizagens das unidades temáticas? Esses são questionamentos pertinentes que trazem os alunos como foco das discussões para garantia de direitos, justiça social e acessibilidade no âmbito escolar e, também, no âmbito atitudinal dos Professores. Nesse contexto Garozzi et al, afirma que:

Dentre os campos de saberes presentes na escola, a Educação Física se configura em um componente curricular que possui papel significativo no processo de inclusão escolar de todos os alunos, pois trabalha com uma importante esfera da cultura humana a cultura corporal de movimento" (GAROZZI et al., 2021, p. 4).





Portanto, para atingirmos tal fim, é importante nos utilizarmos dos espaços da Educação Física e, também, é necessário conhecermos o contexto sob a perspectiva dos Professores de Educação Física, como uma autoavaliação, e, é importante conhecermos sob a ótica dos alunos. Então, analisando a questão da diversidade, Daolio (2004) argumenta que a Educação Física escolar é um espaço privilegiado para vivenciar e refletir sobre as diferenças. O autor propõe que as práticas corporais não são universais e homogêneas, mas sim manifestações culturais diversas. Nesse sentido, a aula de Educação Física deve superar a busca por um padrão de movimento ou de corpo ideal e, ao invés disso, valorizar as múltiplas formas de se expressar corporalmente, reconhecendo as diferentes origens culturais, sociais e individuais dos alunos. O respeito à diversidade, para o autor, implica em reconhecer a legitimidade de cada expressão corporal e cultural presente na escola.

## **METODOLOGIA**

Esse estudo buscou conhecer quais são as percepções de estudantes do Ensino Médio na classe regular sobre a inclusão de colegas/alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, em uma escola pública do estado de Pernambuco, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001) defende que a pesquisa qualitativa vai estar preocupada com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis. Do tipo exploratória, onde Gil defende que:

Estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maior parte dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.. (GIL, 2002, p. 41)

Sendo o universo da pesquisa na cidade de Moreno, na Região Metropolitana do Recife, em uma Escola Estadual que pertence à Gerência Regional de Educação – Metropolitana Sul (GRE/Metro Sul). Foram utilizados como instrumento de coleta de dados um questionário online, na plataforma Google Forms, onde numa primeira sessão eles são apresentados ao estudo e perguntados se eles consentem em responder o questionário, caso a resposta seja afirmativa, eles iriam clicar em "Próxima" e respondera as perguntas estruturadas no quadro 1:

Quadro 1- Perguntas Gerais - Segunda sessão.





I.	Qual sua idade?
II.	Qual seu gênero?
III.	Você possui algum tipo de deficiência?
IV.	Você estudou ou estuda com colegas com deficiência?

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Ao seguir, eles foram perguntados sobre: Percepções Gerais sobre a inclusão (Para todos os alunos). Terceira sessão: Aqui eles respondem se concordam, discordam, mais ou menos, ou discordam totalmente, ou concordam totalmente:

Quadro 2 – Percepções Gerais sobre a inclusão (Para todos os alunos) - Terceira sessão

V.	Todos participam das aulas de Educação Física, com ou sem deficiência.
VI.	O professor adapta as atividades para que todos consigam participar.
VII.	Me sinto confortável quando participo de atividades com colegas com deficiência.
VIII.	O professor promove o respeito e a colaboração entre todos os alunos.
IX.	Já vi colegas com deficiência sendo excluídos ou enfrentando dificuldades.
X.	Os colegas ajudam e respeitam os alunos com deficiência nas aulas.
XI.	As aulas são mais legais quando todos participam juntos.

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Na quarta e última sessão, buscamos entender as experiências especificamente dos alunos com deficiência, onde eles responderiam apenas sim, não ou às vezes:

Quadro 3 - Se você é aluno com deficiência, responda às perguntas abaixo para que possamos entender melhor a sua experiência nas aulas. – Quarta sessão

XII.	Você consegue participar das aulas de Educação Física junto com seus colegas?
XIII.	O professor(a) adaptou os conteúdos para você?







- |      |  |
|------|--|
| XIV. | Você se sente acolhido e respeitado nas aulas de Educação Física?                              |
| XV.  | O que você gostaria de sugerir para que as aulas fiquem melhores para você? (Pergunta aberta). |

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

A pesquisa contou com o critério de inclusão para participação: ser aluno matriculado; estar nos grupos de Whatsapp das referidas turmas da escola, gerenciados pela equipe de coordenação pedagógica; ter acesso a internet para responder o questionário de forma online. E como critério de exclusão: não ser aluno matriculado (Professor, Equipe Gestora/Pedagógica/Operacional e Administrativa); não fazer parte dos grupos de Whatsapp das referidas turmas da escola, gerenciados pela equipe de coordenação pedagógica; não ter acesso a internet para responder o questionário de forma online. Todo procedimento ocorreu seguindo os padrões éticos de privacidade estabelecidos, tendo o cuidado de não constranger os participantes e preservá-los na sua integridade.

A análise dos dados seguiu os procedimentos da análise de conteúdo com base em Bardin (2011), que segundo esta é um conjunto de análises das comunicações que seria:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 42)

Portanto, a sugestão seria entender os significados implícitos nas falas dos participantes à luz do referencial teórico estabelecido e a partir dos objetivos da pesquisa. Ademais, categorizamos através da organização dos dados analisados em grupos de significados semelhantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sede de caracterizar os participantes do presente estudo, os dados revelam que entre os 142 alunos que responderam ao questionário, a maioria seria de gênero feminino (59,2%), enquanto os que se declararam de gênero masculino foram (41,9%). Quando perguntados sobre se eles teriam algum tipo de deficiência, cerca de 91,5% responderam não possuir nenhum tipo de deficiência, ao passo que identificamos, 4, respostas que não preferiram responder e, 1, declarou possuir algum tipo de deficiência. Adiante, os perguntados responderam sobre se já tiveram experiência (estudado em sala) com algum colega com





deficiência, cerca de 59,2%, responderam já ter estudado com algum colega com deficiência, enquanto 38,7%, respondeu que não.

Centro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

Partindo da análise dos resultados/respostas obtidas após aplicação das perguntas constantes nos Quadros 2 e 3, propomos as seguintes categorias de análise por assimilação das respostas olhando com a ótica do nosso referencial teórico, Bardin (2011), para interpretá-los da melhor forma. Quanto às perguntas constante no quadro 2, vejamos a tabela com os gráficos apresentados e adaptados pelo autor:

Tabela 1 – Extraída das respostas do formulário:

Questões	CT	C	MEM	D	DT
I. Todos participam das aulas de EF, com ou sem deficiência	22%	62%	9%	6%	1%
II. O professor adapta as atividades para que todos consigam participar	23%	59%	9%	7%	2%
III. Sinto-me confortável ao participar com colegas com deficiência	17%	47%	14%	20%	2%
IV. O professor promove respeito e colaboração entre todos	29%	47%	5%	19%	0%
V. Já vi colegas	25%	17%	37%	21%	0%







	com deficiência sendo excluídos ou enfrentando dificuldades					
VI.	Os colegas ajudam e respeitam os alunos com deficiência	37%	15%	39%	7%	2%
VII.	As aulas são mais legais quando todos participam juntos	63%	20%	12%	3%	2%

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Legenda: CT = Concordo Totalmente | C = Concordo | MEM = Mais ou menos | D = Discordo | DT = Discordo Totalmente

O que analisamos quando obtivemos as respostas é que quando perguntados sobre o item V. da tabela 2, sobre a participação de todos nas aulas de Educação Física, cerca de 84% das respostas foram positivas no que concerne a percepção dos alunos quanto a participação de todos nas aulas de Educação Física, que segundo Alves e Duarte (2014) a participação nas mesmas atividades que seus colegas de classe proporcionam ao aluno com deficiência o sentimento de pertencimento ao grupo.

Vejamos a segunda questão apontada na (tabela 1): Outra importante constatação que o estudo nos mostra é que na ótica dos alunos, os Professores de Educação Física conseguem adaptar as atividades para que todos participem, evidenciado em 82% das respostas positivas em concordo totalmente e concordo.

No entanto, nas respostas, identificamos que todas as respostas do único aluno com deficiência que respondeu ao questionário, foram mais ou menos, com exceção na pergunta



(V) cujo qual respondeu que concordava, apontando assim, na sua percepção, um ambiente de aulas sem inclusão real.

A análise dos dados revelou uma dissonância fundamental entre a percepção de inclusão dos estudantes que se declararam sem deficiência e a do único aluno que se declarou com deficiência. Este achado central indica que, na perspectiva do estudante que é o alvo das ações de inclusão, as medidas adotadas pela escola não são experienciadas como efetivamente inclusivas. Tal constatação corrobora a premissa de Alves e Duarte (2014), que distinguem a inclusão meramente física daquela que é de fato percebida e vivida pelo indivíduo. Essa discrepância nos leva a inferir a necessidade premente de que as propostas para uma Educação Física mais inclusiva sejam reestruturadas, partindo obrigatoriamente do ponto de vista e da escuta ativa dos próprios estudantes com deficiência. Após análise do quadro 3, organizamos as seguintes categorias emergentes:

#### Quadro 4- Categorias

- |   |
|---|
| 1. Inclusão percebida x vivida;                         |
| 2. Adaptação pedagógica na perspectiva dos estudantes;  |
| 3. A atuação docente e a mediação da diversidade;       |
| 4. Convivência e respeito entre pares;                  |
| 5. Propostas dos estudantes para uma EF mais inclusiva. |

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

A maioria dos estudantes afirmou que todos participam das aulas de Educação Física, com ou sem deficiência (84%). No entanto, um aluno com deficiência respondeu “mais ou menos” sobre sua própria participação, evidenciando a distinção entre a inclusão percebida pelos colegas e a vivida pelos sujeitos com deficiência. Essa diferença revela uma inclusão ainda superficial, marcada pela presença física e não pela efetiva participação (Mantoan, 2006).

Quanto à adaptação pedagógica, 82% concordaram que os Professores conseguem adaptar as atividades para que todos participem, no entanto, o mesmo aluno com deficiência





respondeu que raramente se sente incluído, o que indica que as adaptações realizadas talvez não sejam suficientes ou adequadas. Conforme Daolio (2004), é preciso compreender a diversidade como princípio pedagógico. Os dados também revelaram que, embora 76% dos alunos considerem que o professor promove o respeito e a colaboração, 37% afirmaram já ter presenciado situações de exclusão.

Isso reforça a necessidade de formação continuada dos docentes para lidar com a diversidade, Darido e Rangel (2005). Por fim, os estudantes sugeriram mais atividades adaptadas, maior atenção dos professores e campanhas de conscientização sobre a diversidade das pessoas. As vozes dos alunos trazem contribuições valiosas para a construção de práticas pedagógicas mais justas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que há uma incongruência entre a percepção de 137 alunos e a experiência concreta dos estudantes com deficiência. A inclusão nas aulas de Educação Física ainda é parcial, limitada pela ausência de práticas sistemáticas de formação docente, pela carência de adaptações pedagógicas eficazes e por barreiras atitudinais. Como limitações, podemos destacar o número reduzido de respostas de alunos com deficiência, a coleta exclusivamente online e a ausência de entrevistas presenciais. Para estudos futuros, podemos propor aprofundar a escuta desses sujeitos e ampliar a investigação para outras escolas. O estudo contribui para a compreensão do cotidiano escolar sob a ótica dos estudantes, evidenciando a necessidade de uma Educação Física escolar mais inclusiva, reflexiva e responsiva às diferenças humanas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Luiza Tanure; DUARTE, Edison. A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 329-338, abr./jun. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: a escola comum inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP; Fortaleza: UFC, 2010.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física escolar**: cultura corporal e diversidade. Campinas: Autores Associados, 2004.





GAROZZI, Gabriel Vighini; CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de. Educação Física escolar e inclusão: o que dizem os estudos?. **Brazilian Journal of Science and Movement**, v. 29, n. 3, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Marta. **Diversidade e inclusão**: o que pensam os alunos com deficiência. São Paulo: Instituto Paradigma, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano XII, p. 10-16, mar./abr. 2009.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

